

## **Educomunicação para as relações étnico-raciais: uma proposta de intervenção para a aplicação da Lei nº10.639/2003<sup>1</sup>**

Evaldo Gonçalves SILVA<sup>2</sup>

Luciene de Oliveira DIAS<sup>3</sup>

Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí e Universidade Federal de Goiás  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia - Goiás

### **RESUMO**

A elaboração de uma proposta de intervenção colaborativa que possa proporcionar a implementação da Lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras na educação básica é a linha mestra que guia este trabalho. Neste sentido, propomos nos inserir no ambiente escolar como facilitadores da construção de mecanismos comunicacionais que deem conta da realidade do povo negro, instrumentalizando-o para que além de consumidor dos produtos midiáticos, possa tomar a agência de suas construções comunitárias e, dessa forma, construir identidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** educomunicação; mídia; identidade; relações étnico-raciais.

A lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003 torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras nas escolas da rede básica de educação no Brasil, entretanto por diversos motivos o conteúdo ainda não está implementando no país. Diante de tais dificuldades, buscamos compreender quais são as influências da construção da imagem que a mídia brasileira faz da história e da cultura afro-brasileiras? Nesse sentido, pretendemos verificar de que forma uma metodologia baseada na educomunicação pode facultar a estudantes e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC-UFG e jornalista do IFG – Câmpus Jataí, e-mail: evaldo.silva@ifg.edu.br.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da FIC/UFG, email: lucienediasj@gmail.com.

professores as ferramentas necessárias para construir uma interpretação autônoma dos conteúdos relacionados à temática afro-brasileira.

O Brasil é o país com a maior população negra fora da África e foi uma das últimas nações a abolir o tráfico negreiro e o trabalho escravo das populações oriundas da África. A construção da sociedade nacional é resultado da mescla das influências diversas, entretanto, em certa medida a influência negra é deixada de lado. O conteúdo escolar prioriza o estudo das civilizações ocidentais, centrando suas interpretações a partir da antiguidade clássica greco-romana e medieval europeia.

A lei 10.639/2003 altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação para incluir a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras nos currículos da educação básica. Entretanto, após mais de 10 anos da aprovação da lei, os currículos em geral não atendem à determinação legal. A construção da Base Nacional Comum (BNC) criou polêmica uma vez que ela modifica o eixo central dos estudos de história, das sociedades europeias para as sociedades afro-ameríndias.

A dificuldade em implementar a lei 10.639/2003 e as polêmicas provocadas pela mudança de foco no ensino de história propostas pela BNC mostram a importância de se pesquisar tal temática. Nesse sentido, fizemos a opção por um projeto de educomunicação por que tal campo entrelaça os conceitos, métodos e técnicas da área comunicacional e da educação, de forma a promover transformação social. Assim, levamos em conta o professor Paulo Freire (1996) quando afirma “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”. Em paralelo à leitura de Freire, usamos o conceito de Ismar de Oliveira Soares para Educomunicação:

(...) conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas (SOARES, 2003, p. 01).

Assim, a implementação de um projeto de educomunicação que possa problematizar a questão das relações étnico-raciais e da história e cultura afro-brasileiras possibilita que os “educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 15). Compactuando com a necessidade de oferecer mecanismos comunicacionais à comunidade escolar, Moacir Gadotti afirma:

A escola precisa produzir respostas à presença massiva e ideologicamente mercantil da grande mídia. Ela precisa produzir vídeos, jornais, instalar rádios escolares, entre outros. E não se trata apenas de aperfeiçoar um único meio, mas utilizar múltiplas mídias, superando a fragmentação com o uso de diferentes linguagens e formas de comunicação. Trata-se de produzir narrativas a partir das necessidades mais sentidas pelos alunos, muito além daquelas que os estudantes consomem todos os dias. (Gadotti, 2007, p. 36)

No sentido do que Gadotti fala a respeito da produção de narrativas podemos vislumbrar que a instrumentalização da comunidade escolar desde os estudantes, passando pelos docentes até os familiares, além da comunidade limítrofe. A escola, assim, deve ser ocupada como um espaço de socialização e não apenas de letramento para os conteúdos curriculares. Sobre esta instrumentalização, lançamos mão das noções de gênero escolar, de Schneuwly & Dolz (1997) que tratam das dimensões ensináveis dos gêneros, afirmando que a definição dos mesmos de forma clara torna mais factível o domínio destes. Nesse sentido, a obtenção de instrumentos e conhecimentos diversos pode possibilitar o desenvolvimento de outras capacidades de uso da linguagem associadas a cada tipo de gênero.

Enfim, justifica-se a adoção desse objeto de pesquisa pela necessidade em se romper a invisibilidade que a história e a cultura afro-brasileiras ocupam no imaginário nacional. A frequente ausência de personalidades negras nos produtos midiáticos de maior audiência, ou o ocupar espaços subalternizados nesses mesmos produtos deve ser superada. Assim, com o projeto de educomunicação os próprios estudantes poderão vislumbrar e construir coletivamente alternativas para conhecer, afirmar e reafirmar a identidade negra.

Este é um esboço preliminar do trabalho que pretendemos realizar como pesquisa no mestrado em Comunicação. Assim, almejamos estudar as relações entre os aparatos comunicacionais como ferramentas de apoio fundamentais para uma educação emancipatória. Nesse sentido, vamos ancorar nossa pesquisa em teóricos que militam por um panorama educacional contra hegemônico e, novamente citamos Paulo Freire.

Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão “entregues” ou “disponíveis” ao que vier. Quanto mais nos sentamos diante da televisão, tanto mais risco corremos de tropeçar na compreensão de fatos e acontecimentos. A postura crítica não pode faltar. O poder dominante, entre muitas, leva mais uma vantagem sobre nós. É que, para enfrentar o ardid ideológico de que se acha envolvida sua mensagem na mídia seja nos noticiários, nos comentários aos acontecimentos ou na linha de certos programas, para não falar na propaganda comercial, nossa mente ou nossa curiosidade teria de funcionar epistemologicamente o tempo todo. (...) Mas, se não é fácil estar permanentemente em estado de alerta é possível saber que não sendo um demônio que nos espreita para nos esmagar, o televisor

diante do qual nos achamos não é tampouco um instrumento que nos salva. (FREIRE, 1996, p. 72)

O autor destaca o espaço midiático tradicional como reproduutor das ideologias dominantes, nesse sentido, em sua Pedagogia da Autonomia ele conclama que a formação não apenas de conteúdos, mas uma formação crítica. Caminhando na mesma direção, Muniz Sodré dialoga com Freire ao tratar de práticas que apontam para a “educação para o homem-sujeito”, sendo que essa formação integraria toda a carga de conhecimento que os indivíduos carregam de sua vida, independente do ambiente escolar. Percorreremos uma jornada no sentido de revelar a relação entre os estudantes-sujeitos da pesquisa a que nos propomos, questionamos se tais estudantes se sentiriam representados pelos produtos que acompanham na mídia em geral.

Por outro lado, mas tratando por um ângulo similar, Jesús-Martín-Barbero abarca um pensamento que é notadamente marcado pela transdisciplinaridade, de modo que podemos falar que a comunicação lida e incorpora conhecimento de várias áreas, que se tornam interdependentes como a sociologia, a linguística, a política, a cultura, a economia, a psicologia, a semiótica e, no caso específico deste tratado, a educação.

Ainda entre um possível diálogo entre Martín-Barbero (2003) e Freire (1996) é que se deve canalizar esforços nas mediações, ao invés de priorizar os meios. Para isso, o acompanhamento dos processos de produção e circulação das mensagens é primordial na proposta de intervenção que ora apresentamos. Tal acompanhamento, sendo produzido no âmbito de uma pesquisa em educomunicação permitiria que os estudantes utilizassem de forma livre sua criatividade, favorecendo à circulação de múltiplas vozes e na expressão dos sujeitos, diria Peruzzo (2005).

Como o foco de nossa pesquisa é a implementação de um projeto de Educomunicação capaz de atender à Lei 10.639/2003, além de abarcarmos pesquisadores que estudam a comunicação, a educação e sua interface estabelecida nos próprios conceitos de Educomunicação também iremos nos apoiar em estudos oriundos dos campos da etnografia e da antropologia. Para esse recorte, recorreremos a nomes como os de Reginaldo Prandi e Pierre Verger, pesquisadores que se debruçaram nos temas ligados às manifestações religiosas de matriz afro-brasileira.

Para a execução do trabalho que ora propomos a metodologia básica que iremos utilizar é a revisão bibliográfica. Os primeiros passos que devemos seguir é nos debruçar exaustivamente a respeito do que há publicado a respeito dos conceitos a respeito dos quais

trataremos. Dessa forma, é fundamental que enquanto pesquisadores nos esforcemos no sentido de esgotar certa fatia de autores que tratam de relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira, educomunicação, identidade e cidadania.

Partindo do espectro comunicacional, as pesquisas de John Thompson e Muniz Sodré irão ancorar a produção intelectual a que nos propomos. Nesse sentido, é interessante afirmarmos que o professor Sodré, além de ser um expoente do pensar comunicacional brasileiro é profundo conhecedor da cultura afro-brasileira. Em entrevista ao Observatório de Favelas, em 2012, ele afirmou, a respeito dos negros nos meios de comunicação:

Sabemos que quem dirige estes meios são sujeitos de classe dominante, brancos. E a invisibilidade do negro para a maioria deles também é natural e vem de muito tempo. Anos atrás, quando eu trabalhava na Editora Bloch, o Zuenir Ventura sugeriu a um dos editores, colocar como foto de capa Lupicínio Rodrigues e o editor disse que não. Nós questionamos e o editor disse que negro não vendia. Zuenir retrucou dizendo que no carnaval vendia e ele reforçou: no carnaval. Situações como estas se repetem ainda hoje e estão ligadas as representações que todo o tempo querem ser reafirmadas. Mas temos que reconhecer que houve uma melhora, não podemos nos acomodar no discurso do ressentido. E atribuo estes avanços, ainda que pequenos, aos negros que tem compromisso com a comunidade, com a História a que pertencem. Porque não é a cor da pele quem define o negro, é o seu comprometimento com sua essência e suas origens.

Para tratar da interface comunicação/educação e da educomunicação especificamente nos apoiaremos na construção do conhecimento feita por pesquisadores como o professor Paulo Freire e sua Pedagogia da Autonomia, Demerval Saviani, Ismar de Oliveira Soares e o grupo do Núcleo de Educomunicação da USP, além da francesa Geneviève Jacquinot-Delaunay.

A pesquisa é orientada por afetos, dessa forma a escolha temática, metodológica e mesmo de campo tem motivos paralelamente objetivos e subjetivos. Enquanto pesquisador, renegamos a absoluta neutralidade. Assim foram feitas as escolhas pelo objeto, pelo enfoque que daremos ao mesmo e até mesmo ao campo que pesquisaremos. Nesse sentido, encontramos apoio na etnografia de Jeanne Favret-Saada, que no texto Ser Afetado, destaca sua experiência ao pesquisar a feitiçaria rural no Bocage Francês. Contrariando aqueles que tratam do ser etnógrafo como maquiagem a experiência de campo, ela afirma:

Escolhi conceder estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional: é voltando sucessivamente a elas que constituo minha etnografia. Segundo traço distintivo dessa etnografia: ela supõe que o pesquisador tolere viver em um tipo de

schize. Conforme o momento, ele faz justiça àquilo que nele é afetado, maleável, modificado pela experiência de campo, ou então àquilo que nele quer registrar essa experiência, quer compreendê-la e fazer dela um objeto de ciência. As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde. Os materiais recolhidos são de uma densidade particular, e sua análise conduz inevitavelmente a fazer com que as certezas científicas mais bem estabelecidas sejam quebradas. (FAVRET-SAADA, 1990, p. 8)

Paralelamente ao trabalho de revisão bibliográfica, definiremos as escolas que sediarão o projeto de educomunicação. Por que falamos de escolas, no plural? O interesse inicial era tratar do projeto em apenas uma unidade escolar, entretanto metodologicamente pensamos em atuar com estudos comparados. Nesse sentido, propomos a intervenção do pesquisador em duas unidades diferentes, ambas da Rede Pública de Ensino, sendo que se pretende que uma das escolas esteja espacialmente localizada na periferia e outra em uma região central. Usar de estudos comparados porque tal estratégia permite que se identifique semelhanças e diferenças no processo, ampliando em certa medida o campo de análise e de compreensão das realidades.

Neste período, também utilizaremos de entrevistas semi-estruturadas para que possamos identificar os saberes prévios que a comunidade escolar (estudantes, professores e familiares) tenham a respeito da temática do projeto. Por fim, para Cicilia Peruzzo, quando o pesquisador se insere no ambiente do fenômeno e interage com o que ele irá investigar ocorre a pesquisa participante. Assim, a partir da interação entre o pesquisador e a comunidade escolar será implantado o projeto de Educomunicação.

Nossa pretensão é situar o projeto de Educomunicação em duas escolas da rede pública da cidade de Caldas Novas, sendo uma delas municipal e outra estadual. Além desse recorte, das esferas de poder aos quais as escolas estão vinculadas, fazemos outra opção que é pelas séries com as quais pretendemos trabalhar. Propomos que na escola municipal, periférica, atendamos ao público de 9º ano do Ensino Fundamental. Já na escola estadual, geograficamente centralizada, propomos que estudantes do 1º ano do Ensino Médio sejam os sujeitos do projeto. Ambos os grupos foram escolhidos pelo fato de os estudantes nesse período da vida escolar estarem em certa medida mais independentes da construção familiar, que entretanto, não será descartada.

## REFERÊNCIAS

Brasil. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências. D.O. DE 10/01/2003, P. 1

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GADOTTI, Moacir. **O jornal na escola e a formação de leitores**. Brasília: Liber Livro, 2007

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. **Être A ecté**. In: Gradhiva: Revue d Histoire et d Archives de l Anthropologie, 8. pp. 3-9.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora 1992.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

Observatório de Favelas, **Muniz Sodré: o eterno Novo Baiano** Disponível em <<http://of.org.br/noticias-analises/muniz-sodre-o-eterno-novo-baiano/>> . Acesso em 10/01/2016.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. (1997). Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p. 71-91.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. Disponível em <[www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf](http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf)>, 2003. Acesso em 20/11/2015.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação E Rádio Comunitária, Educomunicação e desenvolvimento local**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005., 20p

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.